

5

A visão semântico-enunciativa da modalidade

Iniciaremos, assim, a definição de modalidade, em termos enunciativos, ou como se constrói a modalidade no quadro teórico com o qual estamos trabalhando, comparando-a a uma visão clássica de modalidade. Buscamos para tal a definição de Charles Bally, citada em Dubois *et alii* (1973, 413). Para Bally, numa definição direcionada para uma caracterização lógica, modalidade é uma série de elementos que indicam que o *dictum*, processo puro e simples considerado como desembaraçado de toda intervenção do falante, é julgado realizado ou não, desejado ou não, aceito com alegria ou desgosto, e isso pelo falante ou por alguém que não o falante.

Já para Culioli (1971), modalidade, ou valor modal de um enunciado, corresponde, como dissemos, ao resultado da localização da relação predicativa em relação ao parâmetro S_0 , sujeito da enunciação. Essa operação vai caracterizar, portanto, o ponto de vista do sujeito enunciador sobre aquilo que enuncia, assumindo o conhecimento construído ou se distanciando dele, dependendo do valor modal que lhe vai atribuir. É importante, assim, destacar que sempre que assume uma relação predicativa o enunciador atribui valor modal, ou modaliza, um enunciado.

Ou ainda, no dizer de Dota (1995, 157), quando afirmamos que o enunciador assume o seu enunciado, queremos dizer que todo enunciador se serve de marcas gramaticais (marcas de tempo, de aspecto, de modalidade ou de determinação do nome) para exprimir:

1. como ele se situa com relação àquilo que ele diz (pode-se exprimir isso em termos de ponto de vista);
2. como ele se situa com relação àquele a quem se dirige (pode-se exprimir isso em termos das relações entre os sujeitos ou relações intersubjetivas).

Assim, modalizar um enunciado, por um sujeito enunciador, é efetuar operações de asserção (geralmente uma tomada de um conteúdo proposicional,

tomada de uma carga qualificada, ponderada ou não), a partir de uma relação predicativa constituída (ou seja, orientado e organizado em redor de um termo de partida), mas ainda não localizada em relação a uma situação de enunciação.

A operação de construção do valor modal vai exprimir, dessa forma, diferentes tipos de relação entre o enunciador e a relação predicativa. Nesse sentido, a modalidade opera sempre em dois planos: a relação do enunciador com o conteúdo que ele diz e a relação do enunciador com o co-enunciador. Esta dupla polaridade permite entender, nesta perspectiva, os diferentes tipos de modalidade.

Nesta parte do trabalho, nosso objetivo será de exemplificação desses diferentes tipos e graus dos valores modais, explicitando as operações subjacentes à construção desses valores.

Culioli, integrando as modalidades aos sistemas lógico-lingüísticos que ele próprio elaborou para a análise das línguas naturais, distingue quatro tipos de modalidade, explicitando que esta é uma estrutura complexa que não pode ser reduzida a um simples catálogo (Bouacha, 1984, 116).

A modalidade não pode ser reduzida a um catálogo porque é uma categoria gramatical que afeta o enunciado como um todo e não apenas parte do mesmo. Como a modalidade incide sobre qualquer termo, ela pode ser marcada por um *verbo*, um *advérbio*, um *adjetivo* etc (Culioli, 1971, 26).

Culioli, por *comodidade de exposição*, como ele mesmo diz, reduziu os valores modais a:

- a) categorias de asserção (afirmação, negação, interrogação);
- b) categorias do certo/não certo, provável, necessário, possível, contingente;
- c) marcadores apreciativos, como *infelizmente*, *claro que*;
- d) valores complexos que dependem da relação entre sujeitos.

Nesta parte do trabalho, trabalhamos com a sistematização proposta por Campos & Xavier (1991), que, na seqüência da proposta de Culioli, apresentam a

definição dos valores modais em diferentes graus e tipos¹⁷, a saber: modalidade epistêmica, modalidade apreciativa e modalidade intersujeitos. No próximo capítulo, tratamos a modalidade numa linha híbrida de análise, ou seja, observando as categorias e marcadores incluindo a proposta de Culioli e de Campos & Xavier, além de uma nova proposta advinda de uma reflexão sobre o discurso de opinião, conforme explicitamos em nossos objetivos.

Exemplificaremos os valores modais, e as respectivas operações subjacentes, nos enunciados de (3) a (10) a seguir. Iniciaremos pela modalidade **epistêmica**.

Epistêmico tem a ver com o conhecimento que se possui em relação a algum assunto. Nesse tipo de modalidade, constroem-se enunciados com valor de asserção estrita positiva, de asserção estrita negativa ou de assunção nula, dependendo do grau de conhecimento que se tem em relação ao acontecimento construído.

Para Searle, sob outro ponto de vista teórico, a assertividade é um ato ilocucionário cuja finalidade é comprometer o ouvinte com a verdade da proposição e apresentar a proposição como representante de um estado de coisas do mundo:

Alguns exemplos são afirmações, descrições, classificações e explicações. Todas as assertivas têm a direção de ajuste palavra-mundo, e a condição de sinceridade das assertivas é sempre a crença. Toda assertiva é a expressão de uma crença. O teste mais simples para identificar as assertivas é perguntar se o proferimento pode ser literalmente verdadeiro ou falso. Uma vez que as assertivas têm direção de ajuste-mundo, elas podem ser verdadeiras ou falsas. (2000, 136)

Contrastando com essa visão, na semântica enunciativa, não existe o sentido se conferir se uma asserção é falsa ou verdadeira. Trata-se da construção de um enunciado, numa determinada situação de enunciação, em que o enunciador assume, positiva ou negativamente, uma relação predicativa em diferentes graus, aproximando-se ou distanciando-se do conhecimento que está construindo. Podemos exemplificar no enunciado:

(3) Pedro esteve ontem na casa de João.

¹⁷ Conforme nos diz Campos (1998, 82), grau e tipo possuem correspondência na lingüística inglesa nos termos ‘degree’ e ‘kind’ e são definidos como termos técnicos.

em que há a validação da relação predicativa <Pedro estar [ontem] casa João> num sistema referencial: temos a modalidade epistêmica, pois o enunciado possui valor de asserção (asserção estrita positiva) ao atribuir uma significação num sistema referencial, ou seja, o sujeito enunciator assume a relação predicativa construída, já que o mesmo manifesta uma preocupação com o caráter informativo, com o conhecimento a ser transmitido.

O enunciado assertivo se caracteriza ainda pela possibilidade de se formular uma pergunta cuja resposta seja a própria asserção construída. Assim, temos uma asserção em “Pedro esteve ontem na casa de João” porque se constitui uma resposta para “Onde esteve Pedro ontem?”.

Assim, a modalidade assertiva se define como *validação* (asserção positiva) ou *não-validação* (asserção negativa) da relação predicativa, indicando, no domínio do *certo*, o pólo positivo, como nos exemplos:

- (4)a. João gosta de viajar nos fins de semana.
- b. Paulo escreveu um belo discurso.

Nos enunciados acima, há a validação das relações predicativas, ou seja, os enunciadores assumiram a informação que transmitiram nos enunciados. Foram, ainda nesses exemplos, construídos enunciados com valor modal assertivo estrito positivo.

Nesse tipo de valor modal, temos, ainda, no domínio do *certo*, a asserção estrita negativa (Campos e Xavier, 1991, 339), que se realiza quando o enunciator assume a não-validação da relação predicativa, como nos exemplos:

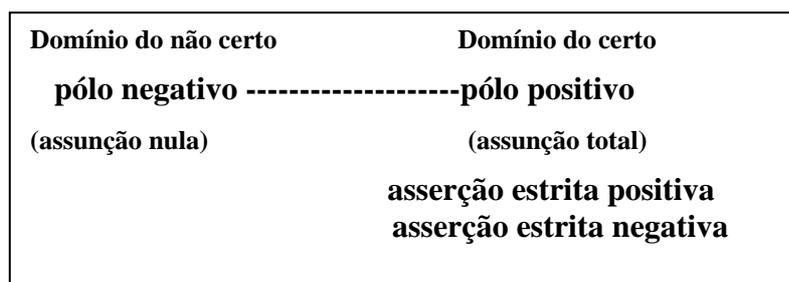
- (5)a. Eugênia não passou no concurso para a Prefeitura do Rio.
- b. Ana não estava em casa esta manhã.

em que o que caracterizou o valor de asserção estrita negativa foi não terem seus enunciadores assumido a validação da relação predicativa. Quando dizemos ‘validação’ estamos tratando do plano da relação predicativa. Já o termo ‘asserção’ se refere ao plano enunciativo.

Além do domínio do certo, que corresponde à asserção estrita positiva (exemplos (4)a e (4)b) ou negativa (exemplos (5)a e (5)b), podemos ter, ainda, o que se identifica por *domínio do não-certo* (Campos e Xavier, 1991, 340).

Consideram-se, assim, dois pólos numa escala de valores modais, o positivo e o negativo. O que corresponde ao pólo positivo designa-se asserção estrita positiva ou asserção estrita negativa, como já vimos nos exemplos, marcando a *assunção total* da relação predicativa construída. No pólo negativo, teremos a *assunção nula* que se refere à ausência de qualquer conhecimento que permita assumir, total ou sequer parcialmente, a validação (ou não-validação) da relação predicativa.

A partir dos conceitos de *certo* e *não-certo*, os valores modais se situam numa escala (Campos e Xavier, 1991, 340), que poderíamos assim representar graficamente:

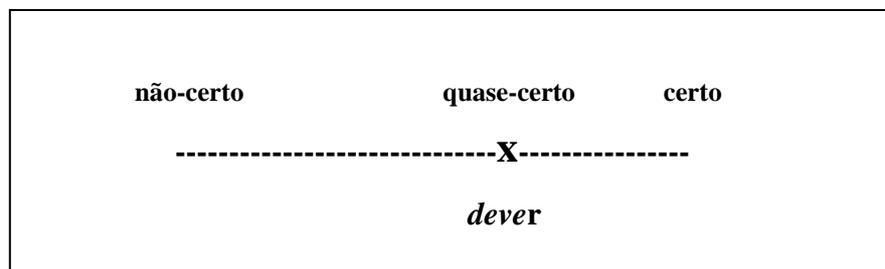


No intervalo, que vai do pólo negativo (domínio do *não-certo*) ao pólo positivo (domínio do *certo*), há uma escala de valores modais, que permite evidenciar o conhecimento que o enunciador tem para poder assumir a validação da relação predicativa, como no exemplo:

(6) João deve gostar de arroz-doce.

Nesse enunciado, destaca-se o verbo *dever* que, com valor epistêmico, assinala que o enunciador não tem informações seguras para validar totalmente a relação predicativa. Dispõe apenas de algum conhecimento, daí a recorrência a *dever*. Inclui-se este caso, na escala de valores modais, como no domínio do *quase-certo*. Podemos também representar, num cálculo de reconstrução da

enunciação, esse verbo (*dever*), na escala de valores modais da seguinte forma abaixo:



Ou seja, não estaria na direção do pólo negativo, nem totalmente no pólo positivo, mas existe algum conhecimento que faz com que o enunciador construa seu enunciado na direção do domínio do *certo*.

Outros enunciados poderão ter esse valor modal, principalmente os construídos com *talvez* ou com os verbos de opinião *achar*, *pensar*, *acreditar*, e outros.

Existem alguns aspectos a serem considerados que não se limitam a essas explicações sobre a modalidade epistêmica. Na análise dos artigos, compuseram nosso referencial teórico algumas questões semântico-enunciativas observadas em estudos de outros autores, que passamos a expor.

Rodrigues (2001, 53) assevera que se pode estabelecer a seguinte escala de valores epistêmicos ao serem construídos os enunciados: asserção estrita (valor máximo, testemunhal); asserção fraca (inferência, probabilidade); e asserção mínima (possibilidade, não exclusão).

Moreno (2002, 579), a partir de uma escala dupla de força modal organizada por Horn (1978, 194-4) para a (in)compatibilidade dos verbos com Transporte de Negação, propõe, para ilustrar essa teoria no português, a seguinte classe de predicados:

- Opinião: achar, crer, julgar, pensar...
- Percepção: parecer, dar a impressão de ...
- Probabilidade: ser provável
- Intenção/volição: desejar, querer ...
- Juízo/obrigação fraca: dever, ser desejável, ser aconselhável .

Moreno propõe que os *verbos de opinião* fiquem no extremo escalar da proposta de Horn, ou seja, que fiquem com grau de força modal no valor fraco.

Sobre o valor modal construído com o *verbo de opinião*, encontramos a seguinte explicação em Campos & Xavier (1991, 340):

A modalização marcada por um verbo de opinião (...) restringindo ao enunciador o valor assertivo construído, permite não excluir um valor modal em que o grau de assunção é menor, por ser baseado em dados diferentes daqueles de que ele próprio, enunciador, dispõe.

Valentim (2002, 542) realiza uma distinção entre *verbo assertivo de opinião* e *verbo assertivo de conhecimento*, mostrando que é na explicitude e no caráter inferencial da modalidade epistêmica construída e com base em algumas características sintáticas, que se distinguem verbos assertivos de conhecimento de verbos assertivos de opinião, sendo ‘saber’ e ‘achar’ paradigmáticos destas duas formas.

Assim, dizer *Eu sei* é de maior grau de assunção que dizer *Eu acho*. Por isso, veremos que, nos artigos estudados, os verbos de opinião não apresentam relevante destaque, ou seja, não são construídos em grande quantidade, já que isso, de certa forma, contraria o pressuposto epistêmico contido na semântica do verbo *saber* (verbo assertivo de conhecimento) evocado no início desta parte do trabalho e no primeiro capítulo desta tese.

Fonseca (2001), em análise do editorial «Viva a Guiné-Bissau», também discurso de opinião, publicado no jornal *Público*, em 29/05/1999, assinado por Miguel de Sousa Tavares, nos fala de uma modalização ‘axiológica’ pertinente ao discurso de opinião, que nos parece bem adequada para também justificar a construção de uma parcela mais representativa de verbos assertivos de conhecimento em textos jornalísticos de opinião. Transcrevemos o excerto de Fonseca:

Vemos (...) que o discurso nos surge marcado por uma vincada modalização axiológica¹ – que reiteradamente se afirma, e se desmultiplica, ao longo do seu desenvolvimento –, assumindo o Loc declaradamente uma posição de juiz ou julgador, que inscreve na sua produção um complexo de movimentos argumentativos em suporte das suas posições. Esta feição argumentativa responde à condição de argumentatividade que, genericamente, todo o discurso convoca – convocação que, aqui, no entanto, é ampliada por se tratar de um

discurso de opinião e sobretudo de um discurso de opinião que se desenvolve numa óptica eminentemente avaliativa, em consonância com a natureza do objecto que tematiza.

Trataremos igualmente da modalidade axiológica no capítulo 7 deste trabalho em que fazemos a análise do corpus enquanto co-enunciador (reconhecimento das formas lingüísticas) de artigos de opinião.

A construção de verbos assertivos de opinião, em textos de opinião, também contraria o princípio de argumentação, pertinente a esses textos, que é a de preservação da imagem da credibilidade, para, assim, convencer o leitor da verdade construída intratextualmente.

Além disso, a construção desses verbos (que indicam menor grau de assunção) colocaria em dúvida os valores ligados à moral, ao politicamente correto, nos moldes da modalização axiológica, citada por Fonseca acima. Verbos com maior grau de assertividade, ao lado de outros recursos, lingüísticos ou não, contribuem para legitimar seus autores como verdadeiros formadores de opinião pública.

Tudo isso pode ser igualmente comprovado nos verbos de opinião em francês. Kerbrat-Orecchioni (1977, 65) diz que Oswald Ducrot, ao analisar o campo semântico dos verbos de opinião em francês (*considérer, trouver, estimer, juger, avoir l'impression, être sûr, penser, croire*), observa que é necessário, para estruturar esse conjunto lexical, recorrer a cinco eixos sêmicos, a saber:

1. O verbo implica ou não um julgamento fundado na experiência.
2. O verbo implica ou não uma experiência da coisa.
3. O verbo implica ou não uma predicação original.
4. O locutor apresenta ou não como certa a opinião expressa na completiva.
5. O locutor apresenta ou não sua opinião como o produto de uma reflexão.

O valor de opinião pode ainda vir expresso sob outras formas lingüísticas. Como exemplo podemos citar estudos em que autores tratam de aspectos relacionados a *advérbio* e *opinião*.

Bomfim (1988, 10 e 11) estabelece essa relação entre *advérbio* e *opinião*, mostrando que, em algumas situações, a presença ou a ausência de determinadas palavras, normalmente identificadas por *advérbio de afirmação*, “*não alteram nem o processo verbal, nem tampouco o enunciado, já que elas expressam apenas a opinião do emissor*”.

O exemplo dado pela autora, “*Realmente o dia está lindo*”, nos leva a entender *Realmente* com valor epistêmico, pois o que ocorre é que o enunciador revalida, no novo espaço enunciativo, o enunciado construído anteriormente. Com o conhecimento que possui, constatado, objetiva ou subjetivamente (neste caso vai ao encontro do explicitado por Bomfim que relaciona à opinião do emissor), o enunciador confirma, por meio da construção *realmente*, a validação da relação predicativa. Ou seja, o enunciador constrói com o advérbio uma certeza que ele ou outro enunciador já havia constatado. O mesmo ocorre com o marcador *de fato* que poderia substituir *realmente* no exemplo dado por Bomfim: “*De fato o dia está lindo*”¹⁸.

Encontramos a explicação acima também em Ilari & Geraldi (1985, 38) que identificam os *advérbios de enunciação*, mostrando que estes “*não servem para tornar mais explícitas as ‘pequenas cenas’, mas veiculam opiniões, atitudes que o locutor assume a respeito do fato de falas delas*”. Os autores dão como exemplo de *advérbio de enunciação* a expressão “*cá entre nós*”, como em “*Cá entre nós, José é um chato*”.

Podemos, enfim, resumir da seguinte forma as operações subjacentes à construção do valor modal epistêmico por S_0 :

1^a construção de uma relação predicativa;

2^a a partir de uma classe de valores possíveis, construção de um valor que corresponde, num tempo T_2 , coordenada temporal do acontecimento lingüístico, à validação (construindo uma asserção estrita positiva) ou à não validação da relação predicativa (construindo uma asserção estrita negativa), no domínio do certo; ou, no domínio do não-certo, da recusa em

¹⁸Para esses dois exemplos, Campos (2004, 274) mostra que há uma modalidade apreciativa.

assumir ou assumir parcialmente a validação (ou não-validação) da relação predicativa.

Agora vejamos o segundo tipo de modalidade que é a *apreciativa*.

Na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, a *modalidade apreciativa* ocorre quando o enunciador constrói um juízo de valor ou de uma apreciação em relação a uma relação predicativa já validada ou validável, podendo, portanto, ocorrer ou não, dependendo da relação que é construída entre enunciador e enunciado. Esse é um posicionamento diferente de Bakhtin (1981, 64), por exemplo, que considera que todo enunciado possui uma modalidade apreciativa, ou seja, não se pode construir uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação.

Existem duas formas de construção de valor modal apreciativo na teoria semântico-enunciativa, a saber:

1. incidir a modalização sobre um valor assertivo construído na mesma relação predicativa, ou
2. validar uma relação predicativa construída numa outra enunciação, com a utilização de uma estrutura impessoal do tipo *foi bom que, é bom que* etc.

Veremos a seguir as duas formas de *modalidade apreciativa*.

A primeira ocorre quando S_0 constrói uma apreciação sobre uma relação predicativa já validada. No exemplo abaixo:

(7) Felizmente o Paulo aprecia o carro novo.

temos um enunciado marcando a construção de um juízo de valor sobre a relação predicativa já construída e validada (*Paulo aprecia o carro novo*). O modo indicativo, no presente (*aprecia*), está marcando a construção, em Sit_0 , do valor

assertivo da relação predicativa, em que T_2 se localiza temporalmente como simultâneo a T_0 .

Outra construção com a modalidade apreciativa encontramos no exemplo:

(7)a É um alívio que o Paulo tenha gostado do carro novo.

em que o marcador modal *é um alívio* assinala um juízo de valor apreciativo a uma relação predicativa validada numa outra situação de enunciação. Há uma asserção e uma manifestação modal em relação a essa asserção. Nesse tipo de modalidade apreciativa constrói-se uma relação sintática em que temos uma subordinante (principal) que é o termo localizador (*É um alívio*) da subordinada (*que o Paulo tenha gostado do carro novo*), validada numa outra situação de enunciação.

Assim, temos, na primeira (exemplo 7), o valor apreciativo incidindo sobre uma asserção construída na mesma relação predicativa, ou seja, constrói-se um valor modal assertivo e a seguir uma apreciação sobre essa asserção. Na segunda (exemplo (7)a), o valor apreciativo incide sobre uma relação predicativa construída numa outra enunciação.

Neste último caso, não há a construção, portanto, de um valor modal assertivo no mesmo enunciado, tratando-se de uma modalidade apreciativa em relação a uma asserção pré-construída.

Vejam os outros exemplos a partir do corpus:

(8) “(...) felizmente, em democracia, as idéias e o seu papel precursor na acção política não dependem, na sua validade, de chancela de quaisquer tutores.” (Jorge Lacão)

em que *felizmente* marca uma apreciação sobre a relação predicativa validada, ou seja, S_0 constrói uma relação predicativa de valor assertivo e, simultaneamente, constrói um juízo de valor apreciativo sobre essa asserção com *felizmente*.

Notemos que o verbo está no presente (*dependem*), e que esse tipo de construção (com *infelizmente*) marca sempre a ocorrência do modo indicativo (Campos & Xavier, 1991, 342).

O que vai distinguir os dois tipos de ocorrência será, então, o valor pré-construído do tipo 2. O conceito de pré-construído será visto mais adiante, mas diz respeito basicamente à validação de uma relação predicativa em outra situação de enunciação e não na que está em construção.

O pré-construído vai, ainda, caracterizar a construção de enunciado com um complemento frásico no modo subjuntivo (ver Campos & Xavier, 1991, 341).

Vejam os exemplos (8) manipulados nos enunciados abaixo:

- (8)a É bom que, em democracia, as idéias e o seu papel precursor na ação política não dependam, na sua validade, de chancela de quaisquer tutores.
- b. Foi bom que, em democracia, as idéias e o seu papel precursor na ação política não tivessem dependido, na sua validade, de chancela de quaisquer tutores.
- c. Seria bom que, em democracia, as idéias e o seu papel precursor na ação política não dependessem, na sua validade, de chancela de quaisquer tutores.

Há, assim, que notar que o tipo 1 de modalidade apreciativa se caracteriza pela construção de uma asserção, com a ocorrência do verbo no indicativo, como destacamos. Já sobre o tipo 2, constrói-se uma modalidade apreciativa e não uma asserção, como nos revelam Campos & Xavier (1991, 342), evidenciando a distinção, neste caso, entre o modo indicativo e o subjuntivo:

- (i) o modo indicativo marca a validação ou não-validação da relação predicativa em Sit₀, isto é, a construção de um valor modal de asserção estrita;
- (ii) o modo conjuntivo marca que a relação predicativa não foi validada nem não-validada em Sit₀. Pode ter sido construída como validável ou não-validável (desejo que eles cheguem, duvido que eles cheguem), mas pode também ter havido validação (ou não-validação) dessa relação predicativa, isto é, construção de um valor de asserção estrita, mas numa situação de enunciação distinta de Sit₀.

Para o primeiro tipo de modalidade apreciativa, descreveremos as operações subjacentes no capítulo 4 (sobre pré-construído).

Agora explicitaremos as operações subjacentes à construção do segundo tipo de modalidade apreciativa:

1ª construção de uma relação predicativa que se constitui um pré-construído de uma relação predicativa validada (ou não validada) num enunciado anterior;

2ª construção de um juízo de valor, marcado por uma estrutura de tipo impessoal, sobre a relação predicativa já construída e validada, com um complemento frasal no modo subjuntivo.

Poderíamos ainda verificar que a modalidade apreciativa é uma apreciação que não incidirá sobre uma relação predicativa validada ou não-validada e sim sobre uma relação predicativa validável, como podemos verificar em (9):

(9) Seria interessante que Paulo tivesse gostado do carro novo.

em que o subjuntivo marca que a relação predicativa <*Paulo gostar carro novo*> é um pré-construído, cuja relação predicativa da subordinada não foi validada em outra situação de enunciação e sim validável, diferente do que ocorre com (7)a, cuja relação predicativa construída na subordinada, mesmo construída numa outra situação de enunciação, foi mesmo validada nessa outra situação.

Como operações subjacentes à construção do valor modal apreciativo da primeira forma de construção apreciativa, em que se enquadra o exemplo (7), temos:

1ª construção de uma relação predicativa;

2ª construção de uma classe de valores que corresponde, num tempo T_2 , à validação dessa relação predicativa, construindo uma asserção estrita positiva;

3ª construção de um juízo de valor, marcado por *Felizmente*, sobre a relação predicativa já construída e validada.

O terceiro tipo de modalidade, *intersujeitos*, se caracteriza por marcar uma relação entre o sujeito enunciador e o sujeito do enunciado, permitindo ao primeiro agir sobre o segundo através das suas realizações lingüísticas, levando-o a realizar um determinado processo. Esse valor encontra-se em enunciados que exprimem ordens, pedidos, desejos, permissões entre outros.

Em:

(10) a. É necessário que os alunos façam os deveres em casa.

b. Os alunos podem fazer os deveres em casa.

temos uma relação interagentiva que ocorre entre o enunciador e o seu co-enunciador, imaginando que sejam enunciados construídos em situação pedagógica, cujo enunciador é o professor e os co-enunciadores são seus alunos. Nesse caso, há uma construção de valor de obrigação estabelecendo uma relação assimétrica entre o sujeito enunciador e os seus co-enunciadores.

As operações subjacentes à construção do valor modal intersujeitos no exemplo (10) são as seguintes:

1^a construção de uma relação predicativa;

2^a construção de uma relação interagentiva, marcada por *é necessário*, em que o sujeito da enunciação age sobre o sujeito do enunciado (*os alunos*)

Já para o exemplo (10)b, temos:

1^a construção de uma relação predicativa;

2^a construção de uma relação interagentiva, marcada pela construção de uma ocorrência do verbo *poder* no indicativo, em que o sujeito da enunciação age sobre o sujeito do enunciado (*alunos*).

A relação de agentividade pode ainda ser construída duplamente, numa mesma situação de enunciação. Culioli (1982, 23) nos diz que se se tem uma

relação entre termos animados (geralmente humanos), pode se constituir entre os dois termos uma relação de agentividade.

Vejamos isso no exemplo a seguir:

(11) Os professores devem exigir que os alunos façam os deveres em casa.

Temos nesse exemplo a construção de duas relações de agentividade que se constroem subjacentes ao valor de obrigação:

1^a *relação deôntica*: o agente ou origem deôntica S_0 (sujeito enunciador) age sobre o alvo deôntico (*os professores*) impondo-lhe um comportamento, uma obrigação. Como podemos constatar no exemplo (10)b, com o verbo *dever*, esta relação de agentividade é de natureza enunciativa e é validada na mesma enunciação;

2^a *relação de transição visada*: o alvo na primeira relação de agentividade (*os professores*) é agente na segunda relação e a relação é construída não como validada, mas como validável num plano fictício disjuncto em relação ao plano enunciativo.

Caracterizam-se também marcadores desse tipo de modalidade o verbo *ter de/que* e o modo verbal *imperativo*.

Não poderíamos encerrar este tipo de modalidade sem incluir a interrogação, já que é, como indicamos anteriormente, um marcador da modalidade intersujeitos, pois se constroem situações em que o sujeito da enunciação, construindo um enunciado interrogativo, age sobre o sujeito do enunciado com o objetivo de desencadear situações dinâmicas que, em ambos os casos, correspondem a mudanças de atitudes (Afonso, 2000, 54).

No exemplo abaixo, temos enunciado marcado por esse valor modal expresso no pronome interrogativo *quem*, que representa a classe de ocorrências que poderiam preencher esse lugar no enunciado.

(12) Quem esteve em Lisboa na semana passada?

A interrogação está, assim, ligada ao valor modal de asserção, além de ser também uma forma de modalidade intersujeitos, mas que destacamos neste trabalho tendo em vista ser uma modalidade privilegiada em nosso *corpus*. Assim, nesta etapa, estamos apenas ilustrando como mais uma forma de construção do valor modal intersujeitos, pois dedicaremos no capítulo a seguir uma seção especial.

Na asserção, como já dissemos acima, o sujeito enunciador valida (ou não-valida) uma relação predicativa na situação de enunciação em que é o termo localizador origem.

Pode ocorrer, porém, que, tendo constituído uma relação predicativa, o enunciador não possa validar (ou não-validar) em Sit_0 . Recorre então ao seu co-enunciador para que seja ele, co-enunciador, a construir essa validação. O enunciador constrói, assim, um enunciado com valor modal de interrogação.

Como operações subjacentes ao enunciado (12), temos:

1^a em Sit_0 , o enunciador S_0 localiza a relação predicativa não saturada em Sit_0 como um pré-construído, ou seja, como uma asserção construída numa outra situação de enunciação. A validação da relação predicativa se dá em T_2 simultâneo a T_0 . Esta operação pode ser traduzida pela asserção *alguém esteve em Lisboa semana passada*, em que *alguém* seria o representante da classe de todos os objetos sobre os quais podemos predicar *P esteve em Lisboa semana passada*;

2^a construção dessa classe aberta, abstrata, que poderia ser expressa por um conjunto de elementos, teoricamente infinito;

3^a construção antecipada do espaço enunciativo no qual o co-enunciador, como segundo enunciador, irá preencher o lugar vazio, na relação predicativa não saturada já validada, com um dos elementos da classe de ocorrências possíveis, permitindo a validação da relação predicativa.

Podemos, então, para concluir esta etapa do trabalho, enfatizar os seguintes conceitos da teoria culioliana no tocante à construção da modalidade:

- a. ao enunciar, um sujeito constrói-se como sujeito enunciador, definindo um tempo-espaco enunciativo e identificando um sistema referencial;
- b. o sistema referencial construído não é exterior à enunciação, pelo contrário, faz parte da enunciação;
- c. o sistema referencial é localizador das estruturas abstratas que o sujeito-enunciador constrói naquela e por aquela enunciação. Dessa localização, resulta o enunciado. O sistema referencial é, assim, consequência e, ao mesmo tempo, condição de toda a enunciação;
- d. na relação de localização de que resultam os valores modais, o localizador é o sujeito enunciador, e esses valores modais exprimem tipos e graus de relação entre o enunciador e a relação predicativa subjacente ao enunciado;
- e. numa tipologia das modalidades, identificamos a modalidade epistêmica (escala de valores assertivos), modalidade apreciativa e modalidade intersujeitos.